

MANOEL ALBANO AMORA

Manoel Albano Amora nasceu em 19 de outubro de 1915, em Fortaleza, e faleceu na mesma cidade no dia 2 de junho de 1991, aos 75 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará (1939), exerceu vários cargos públicos tais como curador das massas falidas e acidentes de trabalho, promotor de justiça, procurador regional da República e membro do Conselho Penitenciário do Ceará. Foi professor titular de Direito Internacional Privado da Faculdade de Direito da UFC, professor de Direito Penal da Escola de Serviço Social, diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará (1960/1962) e membro do Conselho de Cultura do Ceará.

Era ensaísta, historiador e poeta. Segundo Raimundo Girão, era um “poeta de suave e lírica inspiração, derramada em versos emotivos e singelos, como os de *Manhã de amor*, 1938 e *Céu azul, verde mar*, 1973”. Publicou uma síntese histórica sobre a *Academia Cearense de Letras*, em 1957 e as seguintes obras: *Justiça do Trabalho*, 1941; *Felino Barroso*, 1947; *Elogio de Tomás Lopes*, 1956; *A bandeira do Ceará*, 1957; *Biografia de Mario Linhares*, 1959; *Sobre o Ministério Público*, 1961; *Os conservatórios britânicos*, 1966; *Máximas e palavras latinas do Direito Internacional Privado*, 1967; *Literatura cearense do Direito Internacional Privado*, 1968; *Estudo sobre a “Comitas Gentium”*, 1969; e *Pacatuba – geografia sentimental*, 1972. Fundou, com Antônio Girão Barroso, a revista *Letras*.

Foi membro da Academia de Letras do Ceará, tendo ingressado na Academia Cearense de Letras por ocasião da fusão das duas sociedades, em 10 de maio de 1951. Ocupou a cadeira número 37, cujo patrono é Tomás Lopes. Era membro do Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico e sócio fundador do Instituto Clóvis Beviláqua.

MANHÃ DE AMOR

*Claro como linda imagem de marfim
respira o dia o ar bom do primeiro esplendor:
embebe-se de perfume suavíssimo das rosas,
confunde-se com os recortes das montanhas e dos lagos,
ensaia-se como uma história terna e vaporosa
que dirá de encontros, olhares, abraços e beijos.
Esta manhã é uma que outrora eu conheci:
corpo delgado e perfeito de mulher moreno-claro,
alma gentil e boa de moça bela e prendada:
maravilha de um sorriso ingênuo e consolador,
ternura de uns olhos castanhos enfeitados de saudade.
Eu quero amar em silêncio a manhã que chegou.*

*Então é mister odiar com força o meio-dia que virá,
por que ele apagará, delirante, o sorriso e o olhar da manhã,
deixando só a mancha escura da última impressão indelével.
Tudo passa depressa como um bom gosto na boca.
Talvez eu não tenha lágrimas para chorar a inocente amiga
que, depois, se afastará com o dia para o poente sem vozes...*

O POETA, ESSE DESGRAÇADO

*O poeta, esse sublime desgraçado,
experimenta a dor com a alma presa e desconforme,
perde-se no emaranhado da amargura.
A vida é muito bela, disseram-lhe um dia...
Mas o poeta só viu a dor.
A dor é negra, a dor é triste, a dor é dolorosa.
E as cousas continuam a falar sua linguagem florida!
Dor perene na vida do poeta, esse desgraçado amorável.
Dor que esmaga.
Esquecer seria para ele a ventura sem par:
engano! o dia é uma jóia custosa e é a noite um poema estrelado.
Esquece, poeta! lhe diz a Inspiração filha da dor que é o mal maior.
E a arte vem calma, luminosa e perfumada
pousar no cérebro, nos lábios, na alma e no coração do poeta.
O seu gozo é imenso e bom como uma coisa imaginária
e ele deixa no verso a sua alma e a sua vida.
Depressa, porém, passa o momento ideal,
voltando a dor com o seu rosário de malfeitos.
Desesperado, louco, ele pensa, então, na perpétua felicidade,
enquanto uma voz estranha parece lhe dizer:
serás sempre o poeta destinado ao tormento e ao desamor
porque não tens serenidade
para ser o asceta despersonalizado
que os cálidos braços de Deus envolvem eternamente.*

FONTE: AMORA, MANOEL ALBANO. *MANHÃ DE AMOR* FORTALEZA: EDÉSIO, 1938. P. 7, 46-47.